

Inconfidências do estranho na relação analítica¹

Adalberto A. Goulart², Aracaju

O que o poeta quer dizer
no discurso não cabe
e se o diz é pra saber
o que ainda não sabe.

Uma fruta uma flor
um odor que relume...

Como dizer o sabor,
seu clarão, seu perfume?

Como, enfim, traduzir
na lógica do ouvido,
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?

A linguagem dispõe
de conceitos, de nomes
mas o gosto da fruta
só o sabes se a comes

só o sabes no corpo
o sabor que assimilas
e que na boca é festa
de saliva e papilas
invadindo-te inteiro
tal do mar o marulho
e que a fala submerge

1. Apresentado no XXVII Congresso Brasileiro de Psicanálise, Belo Horizonte, junho de 2019.

2. Médico Psiquiatra e Psicanalista, Membro Titular e Didata da SPRPE, membro fundador do IPFR-Brasil, Presidente do NPA.

e reduz a um barulho,

um tumulto de vozes
de gozos, de espasmos,
vertiginoso e pleno
como são os orgasmos

No entanto, o poeta
desafia o impossível
e tenta no poema
dizer o indizível:

subverte a sintaxe
implode a fala, ousa
incurtir na linguagem
densidade de coisa
sem permitir, porém,
que perca a transparência
já que a coisa é fechada
à humana consciência.

O que o poeta faz
mais do que mencioná-la
é torná-la aparência
pura — e iluminá-la.

Toda coisa tem peso:
uma noite em seu centro.

O poema é uma coisa
que não tem nada dentro,

a não ser o ressoar

de uma imprecisa voz
que não quer se apagar
— essa voz somos nós.

Não coisa - Ferreira Gullar, 1983

Resumo: O material surgido no encontro da dupla na sessão analítica, trará consigo um potencial atual, onde reside a possibilidade viva e presente da psicanálise atuar, tendo como base o seu método e a sua técnica, sempre subversiva no sentido de ressignificar o reconhecido, o estranho familiar, ou ainda de significar ou representar o desconhecido, o realmente novo, criando o espaço necessário para que o ato, como descarga sem palavras, ou descarga para o somático, comece a ganhar a oportunidade de ser nomeado e pensado, alterando a compulsão a repetição como definidora do destino e abrindo para novas possibilidades adaptativas.

Palavras-Chaves: estranho, subversão, perplexidade, psicanálise.

Vamos falar de algo que, estima-se, teria ocorrido há cerca de 70 mil anos, momento da história marcado por uma Revolução Cognitiva, que permitiu ao Homo Sapiens começar a falar de coisas que só existiam na sua imaginação. Importante lembrar que a linguagem não seria apenas a sublimação da realidade ou a manifestação da fantasia, mas, sobretudo para o sujeito, seria a totalidade da realidade, quando o olhar subjetivo transforma o mundo observado.

O que teve origem com essa Revolução nos dá hoje a possibilidade de falarmos de algo bastante delicado, profundo, específico, extremamente complexo e ainda inapreensível. Algo que não é apreendido diretamente através dos nossos órgãos dos sentidos, mas que pode nos sensibilizar através do incomum, do estranho, do sinistro, do duplo.

A metapsicologia psicanalítica se propõe um olhar para além do que nos é familiar. Buscamos o estranho, o estrangeiro, em direção ao sentido último, que no entanto se nos mostra inapreensível, inalcançável, incognoscível na essência das entranhas do nosso corpo ou nos confins do universo.

Questões que nos orientam para um encontro inalcançável, uma vez que a medida que nos aproximamos, se coloca mais adiante tal qual o horizonte. No entanto, o que nos interessa realmente, é a orientação e o sentido capaz de liberar fronteiras, muito mais do que o encontro inapreensível porque este está em constante produção, consonante com a vida.

Conforme trabalho anterior (Goulart, 2016), a função da psicanálise está associada a identificação de impulsos inconscientes que estão na base das manifestações humanas, resgatando uma aparente falta de significado. Da mesma maneira estão os mitos, rituais e costumes presentes nas sociedades primitivas, mas também nas organizações mais complexas, quando já não percebemos sua origem e seu significado original.

O fato de tais manifestações serem difundidas em diferentes culturas, separadas tanto temporalmente quanto geograficamente, nos faz pensar que se refiram a um patrimônio de toda a humanidade, inacessível e desconhecido em sua profundidade e que talvez seja um traço presente de uma outra revolução original, ainda mais antiga, que marcou o início da distinção entre o humano e o não humano, a qual estima-se ter ocorrido há aproximadamente 10 milhões de anos, um momento em que extremas mudanças ambientais ocorreram, associadas a um processo de evolução por seleção natural, que culminou nas adaptações homínidas conhecidas pelo termo hominização. Assim, alterações ambientais e hominização teriam interagido, originando as formas mais complexas de comportamento, destacando-se o processo de alteração do impulso etológico, sobretudo acrescentando-se o movimento pulsional e suas representações psíquicas, que, diferentemente do instinto etológico, variam de indivíduo para indivíduo, permite a mudança de objeto e o adiamento da descarga.

A pesquisa psicanalítica nos mostra que esses traços deixados pela evolução persistem em cada um de nós, ativos e presentes e podem emergir sob determinadas condições, estando na base das construções mitológicas, dos rituais e de nosso imaginário onírico.

Diferenciando-se, em termos evolutivos, o ser humano pode então imaginar, colocando fora de si um duplo, uma espécie de deus onipotente,

como expressão de desejos, idealizado para ocupar o lugar da instintualidade etológica.

Em sua origem, o duplo seria uma proteção contra a destruição do ego, negando o poder da morte, sendo a alma imortal o primeiro duplo do corpo (Freud, 1919). O duplo, relacionado a uma criação da mente primitiva, quando seu aspecto seria amistoso, protetor, converte-se, posteriormente, com o desenvolvimento e o recalque, em objeto de terror, como se os deuses do movimento original se transformassem em demônios.

Tais fantasias estariam associadas ao narcisismo primário, presente na mente da criança, do homem primitivo e na nossa essência primitiva, presente e sempre atual. Superada esta etapa, o duplo inverteria seu aspecto, deixando de ser uma garantia contra a imortalidade e passando a ser identificado como o estranho, o sinistro, o assustador.

Estranho significa o que é esquisito, aquilo que se caracteriza pelo caráter extraordinário, excêntrico; o que é de fora, estrangeiro; que causa espanto ou admiração pela novidade, pelo desconhecido, pelo novo; o que foge aos padrões de uso, aos costumes estipulados pela sociedade; o que não se conhece ou não se reconhece, o que desperta sensação incômoda de estranheza; que não faz parte, que não pode ser identificado ou relacionado; que se esquia, que foge ao convívio; aquilo que é misterioso, enigmático ou que levanta suspeitas (Houaiss).

Já inconfidência, encontramos no mesmo dicionário como: falta, abuso de confiança, revelação de segredo; indiscrição; quebra de sigilo; vazamento de informação sigilosa; infidelidade, deslealdade.

Freud já sustentava que a sensação de estranhamento causada pela psicanálise em muitas pessoas teria origem semelhante, afinal é função da nossa ciência revelar o oculto presente em cada um de nós. E neste sentido, a nossa época difere pouco daqueles tempos. Há, de fato, ainda hoje, certa curiosidade a envolver o trabalho do psicanalista e o próprio profissional de psicanálise, como se o seu olhar e a sua presença pudessem libertar espíritos malignos que então emergiriam das profundezas sem nenhum controle.

Embora a evolução da civilização, das ciências e do próprio pensamento

humano seja uma realidade inequívoca, de fato, o estranho permanece em cada um de nós como uma herança oculta, porém viva e presente, da onipotência do pensamento a realizar desejos, de poderes secretos e mágicos e do “retorno dos mortos”, associado ao antigo (e sempre atual) narcisismo e às experiências da mente primitiva, podendo voltar à luz através de impressões liberadas através de fendas dos nossos mecanismos de defesa ou de situações francamente patológicas.

Ainda circunstâncias que envolvem o silêncio, a solidão e a escuridão, levando à perda parcial dos referenciais externos, concretos, objetivos e associados à ansiedade infantil, tendem a iluminar o oculto que existe no fundo da alma de cada ser humano, causando assombramento, susto, medo, pavor. Até que se reconheça que os espíritos despertados não são anunciadores da morte, mas de fato os protetores da vida, o que poderá levar um bom tempo.

O desaparecimento do duplo, ou melhor, o seu obscurecimento, não seria uma consequência natural ao superar-se o narcisismo primário, resistindo ao desenvolvimento da instância crítica, censora e da consciência, capaz de auto-observação. Ademais, como sabemos, aspectos do narcisismo primário permanecem atuais, ativos e presentes de acordo com o processo primário de funcionamento mental, submetido ao princípio do prazer.

Em outras palavras, seria legítimo afirmar que habita, em cada um de nós, um selvagem primitivo, com sua concepção animista do universo e da vida, cujos resíduos e traços da sua existência podem se manifestar, como nos sonhos, nos sintomas neuróticos e psicóticos, com a crença na onisciência e na onipotência do pensamento e a magia a ela associada, com a atribuição de poderes mágicos a pessoas e coisas externas, uma referência à quando o mundo era povoado por espíritos aos quais a realidade objetiva se submetia e num certo sentido se submete. Falamos ainda de algo que surge do oculto das entranhas, daquilo que ainda não é propriamente psíquico, como acrescentou Freud em 1923 (O ego e o id), o que ainda não tem palavra que o represente, que traz o frescor fugidio do momento

presente e que, uma vez representado, já é passado e abre-se uma nova procura orientada ao infinito. O caminho a ser construído, o sentido a ser significado, a busca do que ainda não é, nos orienta ao encontro com o trauma, o estranho estrangeiro que assombra e que não pode ser aculturado ou domesticado sem deixar de ser o que é.

“*Como você faz isso?*” Me questiona perplexa uma paciente, em uma de suas sessões.

Na sessão referida, fez associações referindo-se às conquistas obtidas com a análise e lembra-se de uma de suas primeiras sessões, que considera muito significativa para o seu processo. Naquela sessão falava sobre as suas desconfianças, inseguranças e medos e que havia sido muito importante termos esclarecido juntos que sua análise ocorreria no seu ritmo, de acordo com as suas possibilidades. Permanece em silêncio por alguns minutos.

Neste momento surgiu em minha mente a expressão “*sem atropelos*”, que, de início imaginei como sendo uma associação cognitiva, relacionada ao ritmo da paciente. Mas como a expressão persistia em minha mente, achei por bem pronunciar, em busca de algo mais profundo. Assustada com a minha intervenção, ela me pergunta: “*como você faz isso?*”

Sem entender ainda a sua perplexidade, peço que me fale um pouco mais sobre o que estava lhe ocorrendo. Ela me conta que estava lhe vindo à mente imagens de quando foi atropelada por um carro, em torno dos seus cinco anos de idade.

Perplexidade, assombro, susto, iluminam a presença do traumático que, uma vez iluminado pode ganhar contornos de significado num momento de descanso e paz pela percepção de si mesmo. Uma sessão psicanalítica nos traz impressões sobre uma experiência que não podemos encontrar nos livros, nos textos, nos nossos professores. É necessário vivenciá-la, no contato consigo mesmo e na presença do outro, lembrando que apenas o próprio indivíduo pode saber o que é sentir-se como ele se sente. Apenas ele sabe o que é ter sentimentos, emoções e ideias como ele tem, sendo um ser único e específico. A partir dessas experiências únicas poderíamos afirmar que são os pacientes os nossos maiores mestres, a quem devemos

respeito e humildade e apenas eles poderão vir em nosso auxílio para tantas importantes e difíceis questões.

No entanto estaremos inevitavelmente diante de um outro mestre, essencial e fundamental para que possamos tentar acessar o que outra pessoa busca nos transmitir: o nosso próprio corpo, manifestando-se através de um sistema excitável que pode ser sensibilizado e nos trazer intuições, informações e evidências daquilo que estamos vivenciando.

E será a partir da sensibilização através desses estímulos, que poderemos expressar algo sobre quem somos diante de alguma coisa, de alguma situação, da experiência vivida no encontro com algum paciente. Quer dizer, quando nos expressamos, não é sobre o outro a nossa manifestação, mas sobre a informação que o nosso corpo transmite, sensibilizado através da percepção de estímulos internos e externos que deverá ser acolhida pelas nossas mentes.

Portanto, muito mais importante do que relatos de anamneses, de histórias ou informações recebidas, o que de fato poderá vir em nosso auxílio será o que provoca os nossos sentidos, mediante os estímulos percebidos. E tudo aquilo que for capaz de nos provocar, irritar ou sensibilizar chamaremos de comunicação, sendo que a mais elaborada delas talvez seja a palavra, no entanto, o nosso objeto de trabalho nem sempre dispõe dessa elaboração, sobretudo porque na história da humanidade, esta foi uma habilidade adquirida muito recentemente. A emoção é comunicada de uma pessoa para outra, de um sistema corpo/mente a outro sistema corpo/mente sem passar necessariamente pela fala. Lembremos, por exemplo, os registros de linguagem psicóticos, *borderlines* e outros, que nos sensibilizam para um conhecimento que já não acessamos tão facilmente. Existem ainda ideias que jamais foram conscientes ou estados de mente inacessíveis, nem conscientes, nem inconscientes, condizentes com as raízes do aparelho mental mergulhadas nas entranhas do corpo.

Em análise, é necessário nos desvencilharmos de teorias, prévios conhecimentos, desejos e necessidades de compreensão ou explicação, para nos tornarmos sensíveis a sentimentos e pensamentos fundamentais e

essenciais, uma espécie de sabedoria essencial, permitindo que a semente de uma percepção possa ser acolhida em nossa mente, sobreviver e se desenvolver, quem sabe se transformando em algo pensável e dizível. É necessário alcançarmos a liberdade para tais especulações imaginárias ou intuitivas, sem preocupações com a ordem crítica pessoal, institucional ou social, se quisermos realmente nos permitir a uma aproximação do excluído, do sinistro, do estranho, matéria prima essencial da função psicanalítica.

É fundamental que possamos valorizar todos os aspectos do encontro na sala de análise, proporcionando condições para que a dupla possa imaginar e intuir com liberdade, acolhendo qualquer vestígio de manifestação que poderá se desenvolver para uma ideia comunicável, observando as transformações de um estado mental a outro ou ainda, entre as instâncias corpo e mente, que constituem um mesmo e único sistema instável, com ganho de autonomia e responsabilidade para as verdades que se apresentam e possam ser recebidas, sejam elas quais forem, no além do corpo e da linguagem.

Sabemos que o amor à verdade é um dos principais atributos que um psicanalista precisa possuir e que, de maneira geral, a mente humana tende a fugir de verdades penosas. A evolução fez com que o *Sapiens* desenvolvesse a habilidade de não falar o que quer dizer. Levará um certo tempo até que os nossos analisandos comecem a perceber que, de fato, buscamos falar o que queremos dizer, ainda que muitas vezes seja uma comunicação apenas aproximada de uma intuição percebida.

Para Alain Badiou, filósofo francês nascido no Marrocos, as verdades existem como exceções ao que há, não um acréscimo a corpos e linguagens, nem tampouco uma autorrevelação de corpos apreendidos por linguagens, mas uma espécie de interferência, uma subversão à consciência sobre aquilo que existe, sinal de um distúrbio de funcionamento no par de opostos, tal qual a psicanálise em relação a um saber instituído. Ou, conforme Freud nos mostra, o inconsciente se revela quando representado por palavras que estão no pré-consciente ou seja, na outra extremidade do

percurso. Em seu espaço encarnado, ainda sem representação, ele não pode ser apreendido.

Nessa multiplicidade de elementos, em busca do objeto psicanalítico, cabe ao analista uma observação conjunta do paciente, de si mesmo e do vínculo estabelecido, ampliando e aprofundando as manifestações percebidas do inconsciente para uma espécie de gerador de possibilidades, uma memória do futuro, o que constitui a complexidade baseada no princípio da incerteza, oferecendo condições e oportunidades para que o paciente seja, de fato, o ser único e específico que ele é, reiterando e reafirmando a desilusão da fusão.

Falamos de algo que tem início muito antes da linguagem, na relação do corpo com uma mente que o acolhe e o simboliza, iniciando o seu desenvolvimento e na interação com outras pessoas, denominado por Bernardi (2018) de “esquemas-de-estar-com” ou pictogramas. São traços marcados no corpo vivo e que iniciam seu registro e simbolização, algo pertencente a uma zona em que os traços temperamentais se prolongam na organização do caráter, algo muito próximo à noção de pulsão, uma exigência que o corpo impõe ao psiquismo, começando por dar sentido a seus próprios comportamentos interativos.

Uma segunda vinheta clínica: paciente do sexo feminino, queixas de parestesias e “alfinetadas” em ambas as pernas, o que muitas vezes a impossibilitava de andar.

Paciente) ...muitas dores, dormências, agulhadas, realmente tá difícil lidar com as pernas, estou limitada.

Analista) Com as pernas ou com você?

P) Não sei se é comigo, porque seria? Não percebo que tenha problemas, estou bem no trabalho, na família, em meu relacionamento...

A) Você fala das suas pernas, mas acha que o problema não é com você.

P) Sim, fico sem alegria com isso.

A) Mas como poderia ter alegria se sua mente acha que seu corpo é

um estranho?

P) Parece que vivo fora do meu corpo, tá difícil... Tenho medo de mim mesma...

A) Sua mente se afasta gerando mais medo a partir das sensações que o seu corpo produz e que você não reconhece como sendo você.

P) Me sinto fora da vida...

Falamos aqui de algo que, recebido e colhido na essência do ser, irrompe inicialmente em descarga, despertando resistências compreensíveis pelo seu caráter perturbador e desestabilizador, portanto revolucionário, criando perplexidade e espanto, desorganizando o estabelecido, subvertendo a ordem das coisas.

Uma outra paciente tem a convicção de que existe um mal dentro dela, talvez um câncer ou uma doença degenerativa.

“Como eu posso não saber? Pra mim é a escuridão, tenho medo, terror, pânico!”

São situações em que o horror diante do inconfidente que poderia se insinuar faz com que a memória ocupe o lugar daquilo que deveria ser percepção. Da escuridão de onde nascemos todos os dias, a gestação do novo pode ser interrompida, abortada, restando o assombro diante daquilo que ainda não pode ser.

A mesma paciente relata que, certa ocasião, um mastologista encontrou um pequeno nódulo mamário e solicitou uma punção para biópsia. Ela passou dias de terror à espera do resultado, que, segundo fala, não havia dúvidas, era um câncer de mama. Já imaginava e tentava organizar a sua vida com a doença, despesas, cirurgias, quimioterapia.

Então pergunto a ela como será se o resultado da biópsia for negativo, o que irá fazer? Após algum silêncio, me diz que não considera essa possibilidade.

Por fim, recebeu o resultado: negativo. Disse-me estar triste: *“E agora? O que será? Como será?”*

Se a descarga pura e simples, como uma redução da quantidade e

intensidade dos estímulos, em busca do prazer imediato, puder ser adiada e se a frustração puder ser tolerada, o espaço para o pensar começa a ser criado, com respeito e consideração pela realidade interna e externa, e a perplexidade poderá dar início ao conhecimento. E nesse sentido, o conhecimento seria a transformação do estranho assustador, a aculturação do estrangeiro e sua domesticação ou ainda, a perda da sua identidade, a sua destruição enquanto “*Unheimlich*”. Quer dizer, se pudermos suportar não conhecer, poderemos acolher o estrangeiro tal como é e, quem sabe, favorecer que ele se desenvolva por seus próprios e desconhecidos caminhos.

Concordamos com vários dos aspectos que definem o nosso ofício enquanto psicanalistas, seu método e técnica, no entanto, entendemos que é característica do processo psicanalítico se caracterizar por movimento, transformação, mudança, de um estado a outro, de um sistema a outro, na interface ou campo psicanalítico intersubjetivo do encontro da dupla, livres de certezas, teorias, conhecimentos pré-estabelecidos, memória, desejos ou necessidades de compreensão ou explicação. Ou seja, no único e possível tempo presente, estando a mente onde o corpo está, amparados por uma postura ética, de respeito e humildade diante do perdido, do não lembrado, do desconhecido, do estranho duplo, do inconsciente, do excluído ou ainda daquilo que jamais tenha sido consciente ou tampouco inconsciente, para ambos os componentes da dupla analítica. Receber o estrangeiro tal como o desconhecido que é, é se submeter ao traumático que transforma e movimenta, que fomenta o pulsar da vida.

Aquilo a partir do qual eu poderei ser sensibilizado, estímulos internos e externos que traumatizam o meu sensorio, irá pouco a pouco se organizar em potenciais qualidades psíquicas, mas ainda não representadas. Para tanto o movimento pulsional buscará seu objeto, o não-eu, para que sentidos possam ser construídos, significados sejam alcançados como descanso ao desejo, ainda que fugaz, trazendo luz ao pensamento.

Um outro paciente me procura com um quadro muito grave e um funcionamento muitas vezes psicótico, embora sem sintomas produtivos. Conta-me que sua mãe, superprotetora, o impedia de ter iniciativas próprias

ou que fizesse suas escolhas de acordo com seus desejos. Mantinha uma vida fusionada com a vida de sua mãe, controlada pela mãe em todos os sentidos, de maneira que sentia que não tinha vida própria, mas que precisava viver em função da vida de sua mãe. O trabalho com este paciente se orientava para o resgate e o desenvolvimento de suas potencialidades e de sua individualidade, o que começou a despertar resistências e ataques destrutivos, por parte da mãe, à sua análise.

Após uma de suas sessões, ao voltar para casa, encontrou-se com a mãe que o indagara, de maneira um tanto irônica, sobre o que tínhamos falado em sua sessão de análise, particularmente o que o analista havia lhe dito. Respondeu ele com grande irritação: “*O analista disse que eu não sou você!*”

Entendemos que a reação ao controle da mãe nos indicava sua resposta de irritação e ódio ao aprisionamento fusional excessivo e destrutivo a que vinha sendo submetido e, ao contrário de outras vezes, desta vez pode fazer uso de uma expressão verbal, ainda que pouco elaborada.

O mesmo paciente, em outra ocasião, conta que fora repreendido por sua mãe por estar comendo, dizendo que não deveria comer tais coisas porque estava acima do peso, etc. Ao que ele teria dito: “*O que eu estou comendo vai para a sua barriga ou para a minha?*” O que, segundo o nosso entendimento, demonstra um esforço saudável por parte do paciente, na tentativa de uma diferenciação *self*/objetal, até então extremamente confusa.

Em resposta ao movimento marasmático e surdo que vem das entranhas, algum sentido poderá nascer no contato com um hospedeiro acolhedor e do encontro, transformador para ambos, poderá nascer o sentido também para ambos. É o espaço primário reservado ao novo, ao estrangeiro, ao traumático, àquele que ainda não se inscreveu na memória. A partir da experiência, do sentido que reverbera em memória se cria o consciente e também o inconsciente enquanto qualidades psíquicas.

Assim não podemos viver sem o sentido emprestado pela história, pela memória, pela cultura, local de descanso, alguma ordem e sossego.

Por outro lado, e enquanto houver vida, os estímulos que nos excitam pelo choque traumático com o sensorio continuarão a ser produzidos e o desejo persistirá na sua incessante busca por um outro que o ajude a dar forma ao informe, ao sinistro estrangeiro assustador.

Insuficiente ou fracassado o sofrimento por reminiscências, o traumático se apresenta como experiência cotidiana fundamental para a mente em construção e evolução. Novo, estranho e assustador, sem forma, subjugado às demandas do corpo sensível, local de apreensão de estímulos que se fazem desejos em busca de significado e memória, em busca do pensar, espaço da não realização, da frustração do desejo sempre insatisfeito ou da realização negativa, do não encontro, da falta, e assim sucessiva e ininterruptamente.

O presente, único local habitável para o desejo que busca satisfação ou descarga, que busca sentido no outro que o acolhe e hospeda, é o excesso traumático sem forma a procura da experiência a ser vivida. E então será forma, sentido, memória, pensamento.

Costumamos falar que existem sofrimentos evitáveis, as reminiscências neuróticas, e sofrimentos inevitáveis que são aqueles que se chocam traumatizando e iluminando a experiência que está sendo vivida.

É no lusco-fusco, na aurora do dia que ainda não nasceu, entre a memória do que já foi aculturado, domesticado e percorrido, e o desejo enquanto expressão pré-psíquica disforme, que surge o monstruoso assustador – local de excelência onde a psicanálise faz seu ofício

Aqui falamos de algo referido por Freud (Caso Dora, 1905) e resgatado por Marucco (2018), denominado a singularidade real do analista, ou seja, aspectos reais do analista que incluiriam algo de diferente, fazendo com que a transferência deixe de ser meramente uma repetição estereotipada, tornando-se uma reedição, porém corrigida, ampliada e aprofundada, criando a possibilidade de ressignificações e de novos significantes, de transformações.

Assim o material surgido no encontro da dupla na sessão, trará consigo um potencial atual, onde reside a possibilidade viva e presente da

psicanálise atuar tendo como base o seu método e a sua técnica, sempre subversiva no sentido de ressignificar o reconhecido, o estranho familiar, ou ainda de significar ou representar o desconhecido, o realmente novo, criando o espaço necessário para que o ato, como descarga sem palavras, ou descarga para o somático, comece a ganhar a oportunidade de ser nomeado e pensado, alterando a compulsão a repetição como definidora do destino e abrindo para novas possibilidades adaptativas.

Em lugar do sofrimento por reminiscências, o traumático. Em lugar da memória, o desejo ainda informe. Em lugar da história, a criação. Ou, deixemos para descansar quando alcançarmos o infinito absoluto, quando a forma não será mais necessária. O resto é viver e viver, que, para o nosso infortúnio ou alegria, será sempre nos permitir à disposição para o informe, o estrangeiro. Não o inolvidável ou o esquecido, mas o que ainda não é.

Este será sempre o espaço-tempo onde a existência buscará seu sentido.

INCONFIDENCES OF THE STRANGER IN THE ANALYTICAL RELATIONSHIP

ABSTRACT: The material that emerge in the encounter of the pair in the psychoanalytic session, will bring with it a current potential, where the living and present possibility of psychoanalysis, based on its method and its technique, always subversive, in the sense of resignify the recognized, the strange familiar, or even to signify or represent the unknown, the really new, creating the necessary space for that act, such as wordless discharge, or discharge to the somatic, start to getting the opportunity to be named and thought, altering the compulsion to repetition as the destiny and opening to new adaptive possibilities.

KEY WORDS: stranger, subversion, perplexity, psychoanalysis.

INCONFIDENCIAS DEL EXTRAÑO EN LA RELACIÓN ANALÍTICA

RESUMEN: El material surgido en el encuentro de la pareja en la sesión analítica, traerá consigo un potencial actual, donde reside la posibilidad viva y presente del psicoanálisis actuar, teniendo como base su método y su técnica, siempre subversiva en el sentido de resignificar al reconocido, el extraño familiar, o aún de significar o representar lo desconocido, lo realmente nuevo, creando el espacio necesario para que el acto, como descarga sin palabras, o descarga para el somático, empiece a ganar la oportunidad de ser nombrado y pensado, cambiando la compulsión a la repetición como definitiva del destino y abriéndose para nuevas posibilidades adaptativas.

PALABRAS CLAVE: extraño, subversión, perplejidad, psicoanálisis.

Referências

- Badiou, A. (2006). *Logiques des mondes: l'être et l'événement*. Seuil: Paris.
- Bernardi, R. (2018). Memória, corpo e história. In: *Revista multiverso*, vol. 01, no. 1, Aracaju.
- Freud, S. (1915). Os instintos e suas vicissitudes. *E.S.B.* vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1919). O estranho. *E.S.B.* vol. XVII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923). O ego e o id. *E.S.B.* vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1937). Análise terminável e interminável. *E.S.B.* vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Goulart, A. (2016). Mito e Palavra. In: *Revista Alter*, vol. 34, Brasília.
- Goulart, A. (2018). Função e processo na relação analítica: uma experiência compartilhada de solidão. In: *Berggasse 19*, vol. VIII, no. 2, Ribeirão Preto.
- Gullar, F. (1983). Não coisa. In *Melhores poemas*. Seleção Alfredo Bosi, sétima edição, quinta reimpressão, pág. 165. Global Editora: São Paulo (2010).
- Houaiss (2013). Grande dicionário Houaiss da língua portuguesa. Acessado em www.houaiss.com.br
- Marucco, N. (2018). A pessoa e a função analítica ampliada: sua relação com a contratransferência e o arcaico. In: *Revista multiverso*, vol. 01, no. 1, Aracaju.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. Ed. Perspectiva: São Paulo.